

ORGANIZADORAS

Emiliana Faria Rosa

Luciane Lopes Bresciani

APRENDER, DEBATER E PRATICAR

temáticas para a disciplina
de Língua Brasileira
de Sinais no Ensino Superior

ORGANIZADORAS

Emiliana Faria Rosa

Luciane Lopes Bresciani

APRENDER, DEBATER E PRATICAR

temáticas para a disciplina
de Língua Brasileira
de Sinais no Ensino Superior

| São Paulo | 2024 |



Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2024 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2024 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:

Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).

Os termos desta licença estão disponíveis em:

<<https://creativecommons.org/licenses/>>.

Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.

O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patricia Biegging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Biegging
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Bianca Biegging
Estagiária	Júlia Marra Torres
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Edição eletrônica	Andressa Karina Voltolini Milena Pereira Mota
Imagens da capa	Irina_Timofeeva - Freepik.com
Tipografias	Acumin
Revisão	Edson Leonel de Oliveira
Organizadoras	Emiliana Faria Rosa Luciane Lopes Bresciani

PIMENTA CULTURAL
São Paulo • SP
+55 (11) 96766 2200
livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com



2

Ana Luiza Paganelli Caldas

SURD@S IDOS@S E ENVELHECIMENTO⁶

6

Traduzido de Libras para o Português por Luiz Daniel Dinarte.

DOI: [10.31560/pimentacultural/2023.99369.2](https://doi.org/10.31560/pimentacultural/2023.99369.2)

INTRODUÇÃO

Minha admiração pelos surdos idosos sempre existiu pelo fato de eu ter sido acolhida na comunidade surda por uma pessoa idosa. Levy Wengrover era uma figura paterna para muitos surdos e que passou muitos conhecimentos aos mais jovens. Ao pensar sobre a cultura surda e a estética visual, venho percebendo que é preciso haver uma herança cultural para que as crianças surdas desenvolvam seu pensar. Assim, as pesquisas sobre os idosos podem ser muito valorosas para entender o surdo como um ser histórico e com quem as gerações se relacionam e trocam informações.

Ser surdo na década de 60 do século XX, em Porto Alegre, era algo muito diferente do que ser surdo hoje. É por isso que muitos de nós, surdos, falam que “hoje as coisas estão bem melhores”. Os ouvintes que não conhecem a cultura surda poderiam pensar que ser ouvinte na década de 60 é muito diferente de ser ouvinte hoje.

A forma como eu entendo essa melhora – e concordo que ela aconteceu – é que, até algumas décadas, os surdos eram vistos “pela metade”. Quer dizer que, até poucos anos atrás, a língua de sinais não era aceita, pois era vista como um “mal” que o surdo deveria rejeitar para que fosse oralizado, para se integrar em uma sociedade que não a reconhecia como língua. Conviver com semelhantes é importante porque faz com que os surdos vejam uns nos outros as suas próprias experiências.

Para falar em identidade surda, cultura surda, Libras, *etc.*, que são temas que passaram a aparecer na Educação de Surdos ao longo das duas últimas décadas, é preciso reconhecer que os surdos idosos testemunharam modificações drásticas na imagem que a sociedade constrói sobre os surdos. Ao longo das últimas décadas, várias legislações passaram a mencionar o surdo, garantindo direitos e dando visibilidade às suas lutas.

As escolas de surdos e a Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS) também se movimentaram em favor de uma outra visão sobre os surdos. Segundo Silveira (2006), os currículos das escolas de surdos no Rio Grande do Sul passaram a incluir a disciplina de Libras e tematizar a cultura e identidade surda há poucos anos e, mesmo assim, há vários problemas de estruturação e formas de abordagem. Portanto, qualquer pesquisa em educação que aborde o surdo precisa estar atenta para esse contexto. Ser surdo significa estar em uma luta pelo direito de ser diferente.

Entre os idosos que parecem ser invisíveis na sociedade estão os surdos, algo que ocorre por diversos motivos. Os surdos, enquanto comunidade linguística, vivenciam um apagamento na sociedade em razão da falta de informações e de reconhecimento sobre o que é Ser Surdo⁷.

Entendo que a importância da língua de sinais para os surdos não é devidamente valorizada, haja vista que ela permanece sendo descrita na legislação como algo opcional, cabendo aos pais avaliar se desejam ou não que seus filhos a aprendam e convivam com outros surdos. Todavia, há pesquisas, como de Humphries *et al.* (2016), que constata que os surdos são prejudicados quando não são expostos a nenhuma língua, ou seja, são privados de sua língua materna. Essa privação incorre em outros tipos de problemas, como: negligência dos pais, da escola e, até mesmo, maus-tratos emocionais, físicos e sexuais. Ao impedir-se que os surdos aprendam a língua de sinais, causam-se problemas na escolarização e nas interações sociais.

7 Pode-se dizer que, desde a promulgação da Lei da Libras (Lei nº 10436/2002 e Decreto nº 5626/2005), há uma crescente visibilidade dos surdos e da Libras, como a presença de intérpretes nos meios de comunicação e lutas das comunidades surdas veiculadas nas mídias sociais. Mas, mesmo assim, ainda há pouco conhecimento sobre as especificidades das comunidades surdas. Neste artigo, o que é tornado visível é o Ser Surdo, como experiência visual, como vida comunitária e trocas culturais e, a partir daí, pensa-se o envelhecimento.

Em um país como o Brasil, em que há problemas estruturais, onde poucos surdos conseguem acessar uma educação adequada com contato com profissionais que apresentem possibilidades diversas aos pais, a opção é quase sempre pela rejeição à língua de sinais.

Logo, tratar a língua de sinais como uma “opção”, e que cabe ser decidida pelos responsáveis das crianças surdas, desconsidera, também, a realidade do nosso país, em que a maioria das crianças surdas nasce em lares ouvintes e carecem de acessibilidade às diversas informações sobre a Libras e aquisição linguística. Assim, os surdos ficam fragilizados, dependendo de questões financeiras – é preciso lembrar que implantes cocleares e próteses auditivas são tecnologias caras.

Diante das recomendações dos médicos, no momento da detecção da surdez, os pais, ignorando a possibilidade de que o filho se desenvolva em uma comunidade surda, acabam optando pelo implante e pelas práticas de oralização. Porém, faltam condições financeiras e envolvimento dos familiares. Os surdos parecem estar jogados à própria sorte por causa da rejeição de uma cultura.

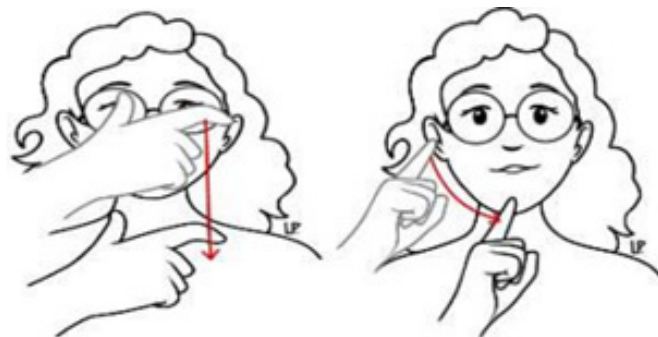
Para saber como elaborar um ensino para surdos que seja adequado linguística e culturalmente, é preciso prestar atenção em como uma comunidade se forma e se consolida, possibilitando vínculos sociais em função da língua de sinais.

E, além dessa positividade que é o encontro entre surdos, é preciso pensar como as mudanças sociais podem afetar a sobrevivência de uma comunidade. A Sociedade dos Surdos do Rio Grande do Sul (SSRS) parece resistir, apesar da pouca presença de surdos jovens. O momento de pandemia também contribuiu para a diminuição dos encontros entre os sócios. Portanto, ser surdo está em transformação, porque a sociedade também acompanha essas modificações.

SER SURDO

Os surdos são um grupo social que foi normalizado, descrito pelos discursos médicos, institucionalizado e educado por professores ouvintes, além de ser interpelado por concepções religiosas, morais e pela cultura dominante. Antes de ser objeto de estudo clínico, os surdos eram ainda mais invisíveis, uma vez que sequer se acreditava que fossem capazes de raciocinar. Foram os médicos, os religiosos e os educadores que começaram a se interessar pelos surdos, estudar seus corpos, seus comportamentos e as maneiras como podem estabelecer comunicação. A Figura 1 ilustra o sinal de ser surdo.

Figura 1 – Sinal de ser surdo



Fonte: Luiza Pelizzari (2021).

Somado a isso, os surdos serem considerados como portadores de uma patologia já é um tipo de sistematização, pois significa que foram realizados vários exames, testes e terapias para a correção da surdez. Por outro lado, a educação também produziu a vida dos surdos por definir, na maioria das vezes, em parceria com a clínica, formas de aprender e de se comunicar.

A partir da década de 90 do século XX, no Brasil, o movimento político das pessoas surdas ganhou força. A FENEIS teve papel fundamental e as associações de surdos que já existiam, como também as que foram criadas, começaram a ter mais consciência da importância do posicionamento político e das lutas. No contexto de Porto Alegre, cidade em que se encontra a SSRS, Thoma e Klein (2010, p. 110) argumentam:

[...] nesse contexto de mobilizações, a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), com sede no Rio de Janeiro, inicia um processo de descentralização, vindo a instalar um escritório regional na cidade de Porto Alegre/RS no ano de 1996. As lideranças surdas da capital gaúcha e região articularam-se politicamente, intensificando ações que deram visibilidade aos movimentos surdos em diferentes fóruns de lutas pelos direitos humanos.

Conforme a perspectiva de Lunardi (2003), o normal e o anormal foram noções que surgiram nesse contexto e serviam como formas de controle dos indivíduos e dos grupos. O surdo começou a ser visto a partir dessas noções. Isso ocorreu com vários grupos, com pessoas com deficiência, mulheres, negros, homossexuais, etc. Mas, com o surdo, entendo ser uma situação mais complexa.

Os surdos eram considerados como deficientes da audição e da comunicação, então, médicos e pesquisadores, que começaram a trabalhar na “correção” dos surdos, não estabeleciam grande contato com esses sujeitos. Para os ouvintes, era como se eles tivessem o privilégio linguístico.

Outra dificuldade é que, principalmente nas décadas de 50/60 – e a situação era ainda pior em épocas anteriores –, os surdos tinham muita dificuldade de formar uma comunidade forte. Então, eles não tinham muitas informações e as famílias não se comunicavam com os surdos de forma eficiente. Para o surdo, era muito valioso encontrar-se com outros surdos, porque eles tinham a

mesma experiência, todavia era complicado não existir uma associação com local e horários definidos. Para as mulheres surdas era ainda pior, porque as famílias controlavam suas vidas, parecia que a família queria acorrentar os surdos em casa, exatamente porque não acreditavam em suas capacidades.

Foi assim que os surdos se tornaram objeto de estudo dos ouvintes e não tiveram a possibilidade de compreender totalmente o que eram e, por vezes, nem o que era decidido sobre suas próprias vidas. Acredito que seja importante continuar a reverter essa situação, seja através do fortalecimento das comunidades surdas, do registro das narrativas dos surdos ou ainda com a presença de surdos nas universidades, realizando pesquisas. Inverter as posições é importante para que os surdos possam dizer aquilo que são, sem a mediação dos ouvintes. Isso se aproxima daquilo que foi proposto por Thoma (2004) sobre a inversão epistemológica da anormalidade surda.

No artigo que publiquei sobre a educação de surdos adultos (Caldas, 2016), pude argumentar que as professoras, naquele momento entrevistadas, referiam-se aos alunos mais idosos como pessoas que precisavam de contato com outros surdos, no sentido de que eles, muitas vezes, procuravam a escola muito mais devido aos laços sociais com colegas e professores do que propriamente em busca de escolarização.

Esses surdos estabeleciam relações de amizade com outros colegas, gostavam de conversar mesmo durante as aulas, interrompiam as aulas para contar aos professores aquilo que estavam vivenciando. Porém, não eram somente esses momentos específicos que revelavam o papel da escola na vida deles, pois havia casos de alunos idosos que passavam anos frequentando as aulas, enquanto outros, notadamente os mais jovens, concluíam as etapas, obtinham a certificação e iam embora.

Aparentemente os surdos idosos não se importavam de estarem “estacionados” em uma mesma totalidade de conhecimento⁸.

Além disso, notei que os idosos sofriam discriminação dentro da família de ouvintes por falta de condições de comunicação, assim como eles expressavam que, na escolarização que tiveram na juventude, a comunicação era um problema devido à falta de valorização da língua de sinais pelos professores – a narrativa mais comum era de que “a professora” não permitia que os sinais fossem utilizados, que eram castigados caso insistissem em utilizar qualquer comunicação gestual, *etc.* Também era notório que a sociedade em geral, no ambiente de trabalho, na mídia, *etc.*, não oferecia recursos de comunicação para que esses idosos se sentissem acolhidos.

SURD@ IDOS@ E A VIDA EM COMUNIDADE

Os idosos surdos são diferentes dos surdos idosos, porque a ciência, representada pelos médicos, oferece aos que estão perdendo progressivamente a audição algo que eles desejam, algo que eles entendem como a verdade deles. O que a ciência oferece aos surdos idosos não é a verdade deles. Claro que muitos surdos assumem aquilo que Skliar (1998) chamou de ouvintismo, que é entender a sua própria experiência a partir da ideologia ouvinte. O conflito se dá quando os surdos conseguem se reunir em torno de uma comunidade. Aí eles começam a duvidar daquilo que sempre lhes foi imposto.

8 Totalidade de conhecimento: forma de organização curricular das escolas municipais de Porto Alegre. Em resumo, as totalidades possibilitam a interdisciplinaridade e a flexibilidade na progressão dos alunos, conforme seu desenvolvimento (SMED/Porto Alegre, 1997).

Os surdos acabaram sendo “amarrados” pelos discursos da medicina, que favoreciam a oralização. Todos os grupos estão à mercê, com mais ou menos intensidade, das normas, limitações, punições, *etc.* Mas penso que existem grupos com mais condições de resistência àquilo que é definido. Outros, ao contrário, parecem não ter escolha a não ser aceitar o que se diz sobre eles e seguir as ordens impostas. Os idosos são um grupo constantemente submetido àquilo que os mais jovens decidem. Os surdos, de uma forma diferente, também são submetidos a decisões sem que possam dar a sua opinião.

Desde a década de 90 do século XX, no Brasil, os idosos têm sido alvo frequente de políticas que visam um envelhecimento ativo. Nessas políticas, considera-se que um envelhecimento saudável precisa ser acompanhado de atividades físicas e mentais. Tais medidas não servem apenas para criar direitos e, assim, ensejar políticas que coloquem em prática ações que visem melhorar a vida dos idosos. As políticas também mostram o que se define como ser idoso, quais requisitos definem esses sujeitos. Somada a isso, percebe-se uma forma de abordar a velhice, quais seus papéis sociais e o que se espera de pessoas que atingem a terceira idade.

A manutenção de atividades sociais através dos encontros comunitários, mesmo diante do envelhecimento do corpo, é algo positivo para os idosos. Pereira *et al.* (2016) realizaram uma pesquisa de levantamento bibliográfico em busca de trabalhos que pensassem a contribuição dos grupos de convivência e políticas públicas na promoção do envelhecimento saudável. Como um dos resultados, verificou-se que os idosos que participam de grupos de convivência são mais ativos, saudáveis e felizes.

Os encontros entre gerações diferentes na SSRS provocam a convivência de diferentes formas de entender o Ser Surdo. Isso se dá em função do contato com jovens, que vivenciam um momento distinto do que foi constatado anos atrás pelos surdos idosos.

Os surdos mais jovens vivenciam conquistas acadêmicas e de trabalho que não eram oportunizadas aos surdos de antigamente.

É difícil para a maioria dos ouvintes entender do que realmente se trata quando se fala em “isolamento” dos surdos. Geralmente os ouvintes pensam que o isolamento é um estado em que o sujeito simplesmente não consegue interagir com outras pessoas, por não haver ninguém próximo que tenha disposição para conversar com o surdo, porém essa vivência de isolamento é muito mais complexa.

Quando ao surdo não é oferecido um ambiente linguístico e cultural rico e diversificado, não é que ele fique sentado em um canto, deprimido, com vontade de ter alguém para conversar, muitas vezes esse sujeito até interage com várias pessoas, contudo não consegue ter uma narrativa, não entende as relações com as pessoas e, em alguns casos, a pessoa não consegue sequer compreender que as coisas do mundo têm relações de significação. Ou seja, muitos surdos, que não aprendem nenhuma língua, sentem dificuldade de entender uma sequência de fatos, relações de causa e efeito e até mesmo tomar consciência de que as palavras ou os sinais representam coisas, pensamentos, quantidades. Se pensarmos que o reconhecimento das Línguas de Sinais como sistemas linguísticos, que nada têm de inferior em relação às línguas orais, ocorreu somente na segunda metade do século XX, podemos imaginar o quanto os surdos sofreram os efeitos da exclusão cultural e étnica.

Os surdos idosos, se pensarmos em termos de grupo etário, vivenciaram mudanças intensas ao longo de suas vidas, já que foi somente ao longo do século XX, principalmente nas duas últimas décadas, que se passou a entender que a língua de sinais não é inferior à língua oral. Logo, mesmo que esses surdos idosos tenham passado pela experiência da oralização, eles puderam se juntar a uma comunidade.

Sendo a Libras uma língua minoritária e em situação de “risco” (Quadros; Leite, 2014), é preciso manter o foco na maneira como essas vivências marcam as suas vidas e como são narradas. Isso também é uma contribuição para que o patrimônio cultural dos surdos seja preservado. Segundo Karnopp (2010, p. 57),

[...] estratégias políticas, culturais e artísticas foram utilizadas pelo movimento surdo para denunciar a condição de pacientes da audiologia, deficientes auditivos ou sujeitos com ‘necessidades especiais’, tendo como meta confrontar o modelo clínico-patológico dominante na educação de surdos. Marcar a diferença linguística e cultural das pessoas surdas significou trazer a discussão para o campo político, por meio de uma afirmação da cultura surda, capaz de congrega pessoas em torno de uma proposta política.

A denúncia em relação à audiologia é quanto à violência sofrida pelos surdos nas práticas de oralização, mas é também em relação à noção estreita que se tem da surdez. É difícil para muitas pessoas ouvintes compreender que uma pessoa surda pode gostar daquilo que é, de sentir orgulho e querer se cercar de pessoas que são como ela.

As comunidades surdas, por meio da Libras, recebem os insumos da cultura majoritária de maneira não plenamente acessível, isto é, a presença de sua língua natural é escassa na mídia, nos artefatos culturais, etc. Por isso, é importante investigar e documentar as maneiras por meio das quais os surdos interpretam a realidade, solucionam problemas ou, em outras palavras, como os surdos vêm, historicamente, (re)interpretando a cultura majoritária e, de outra parte, construindo sua própria cultura, por intermédio do vínculo afetivo/pedagógico/cultural/social estabelecido nas comunidades de surdos usuários da Libras. É importante registrar as narrativas surdas para nunca esquecer essas personalidades, essas pessoas, identidades e também os sinais desses surdos⁹.

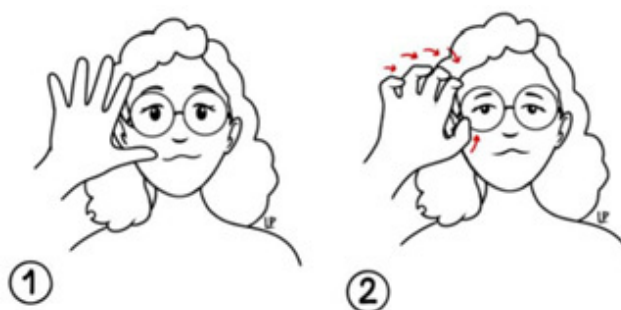
9

Quando falo em sinais individuais, refiro-me ao sinal que cada pessoa usuária da Libras ou outra Língua de Sinais possui. É como um nome que consiste em um sinal particular que identifica a pessoa.

A diferença linguística determina, muitas vezes, a constituição dos vínculos na vida dos surdos idosos. A maioria dos surdos têm famílias ouvintes e os meios de divulgação da cultura como livros, revistas, mídia eletrônica, museus e teatros também marcam o afastamento dos surdos em relação aos signos que traduzem a bagagem cultural de uma cidade, um estado, um país. Sem esquecermos que a cultura majoritária, na qual o surdo idoso está inserido, é uma cultura de ouvintes, representando uma “cultura hegemônica”. É, então, importante salientar que, no contato com seus pares, os surdos encontrarão os artefatos de produções culturais surdas, de protagonistas surdos, dentro da expressão e cultura surda.

Antigamente havia uma marca com a questão do velho, chegava-se ao deboche, ao desdém, pois se dizia que alguns idosos não sabiam Libras e isso era horrível, também sendo esta uma marca de exclusão. Em compensação, havia, por outras pessoas, o reconhecimento do valor desses idosos por suas vidas e experiências vividas e por estarem presentes nesse processo de mudanças e valorização da Cultura e da Língua do povo surdo. Na verdade, penso que o que falta é sensibilidade e conhecimento. Abaixo, a Figura 2 mostra o sinal de envelhecimento.

Figura 2 – Sinal de envelhecimento



Fonte: Luiza Pelizzari (2021).

Assim, os surdos idosos narram suas experiências constituindo a SSRS como um espaço comunitário que possibilita o estabelecimento de vínculos e de construção de subjetividades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na sociedade contemporânea em que estamos inseridos, a televisão é algo que influencia muito nas opiniões sobre moda e comportamento, modificando a nossa personalidade, e, para o idoso, isso também acontece. O surdo idoso fica parado, estático? Não, porém percebo que o surdo idoso ainda sofre. Muitas famílias os deixam encarregados de cuidar dos netos ou da casa sem valorizá-los como sujeito. Ou pior, utilizam o dinheiro do seu benefício ou aposentadoria para outros fins, que não os investimentos na vida desse sujeito. Por isso, sempre digo que o diálogo e a interação são fundamentais para a nossa cultura, bem como a educação escolar e acadêmica, que vem olhando para trás e pensando no futuro em relação ao envelhecimento.

Em relação ao idoso ouvinte, ele tem uma série de aparatos já preparados para o seu acolhimento, como, por exemplo, academias, clubes e associações, e esse sujeito ao longo dos anos vai perdendo, também, um pouco da visão, da audição, do tato e do paladar. O surdo idoso não dispõe de políticas específicas que levem em conta a exclusão social já sofrida pelo jovem surdo e que é acentuada na velhice.

Há cerca de 50 anos, não se falava no status linguístico da Libras, muito menos em diferença cultural como direito. Portanto, os surdos, que viram todas essas mudanças acontecerem no final do século passado e início deste, assistem a uma mudança de paradigma que, todavia, continua a excluir, já que a velhice continua

sendo entendida como uma situação de desprestígio, associada à doença e à incapacidade. E é importante lembrar que, se a educação é uma área que se abre para o entendimento linguístico e cultural da surdez, em outras áreas essa perspectiva ainda é bem restrita, como no Sistema Único de Saúde (SUS), que conta com poucos profissionais que conhecem a Libras.

É preciso olhar para as narrativas dos surdos idosos como fontes de compreensão de um processo de exclusão histórico, mesmo sendo falas individuais e com atravessamentos diversos que acabam não lhes conferindo um estatuto de dado oficial. Precisamos compreender a narrativa do surdo idoso como um reflexo daquilo que o Estado e a sociedade em geral interditarão a esses sujeitos. Precisamos, enfim, entender essas narrativas a partir dos efeitos que a exclusão social e linguística causou a esse grupo. Como já argumentei, há materiais sobre a criança surda, jovem surdo, adulto surdo, mas sobre o surdo idoso não encontramos referenciais importantes. Esses materiais são raros.

Além disso, é preciso entender que a construção histórica da velhice não pode vir descolada do reconhecimento de que essa fase da vida é um estágio singular e delimitado nas sociedades ocidentais modernas (Hareve *apud* Alves, 2004). É importante ter o registro do desenvolvimento de todas as fases da vida da pessoa surda. Se há registros das fases da infância até adulta, deve-se levar em conta o desenvolvimento do surdo, que nasceu surdo, cresceu dentro da sua língua e cultura e construiu sua identidade a partir desses marcadores, algo bastante diferente do conceito que conhecemos do idoso ouvinte que perde a audição e se torna surdo.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Andréa Moraes. **A dama e o cavalheiro**: um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade. Rio de Janeiro: Editora FVG, 2004.
- CALDAS, Ana Luiza. Narrativas de professores de surdos sobre a EJA no município de Porto Alegre/RS. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 23, n. 2, p. 46-57, 2016.
- HUMPHRIES, Tom *et al.* Avoiding Linguistic Neglect of Deaf Children. **Social Service Review**, Chicago, The University of Chicago, December 2016.
- KARNOPP, Lodenir. Produções culturais de surdos: análise da literatura surda. **Revista Cadernos de Educação**, Pelotas, UFPel, v. 19, p. 155-174, 2010.
- LUNARDI, Márcia Lise. **A produção da anormalidade surda nos discursos da Educação Especial**. 2003. 200 f. Tese (Doutorado em Educação) – PPGEDU/UFRGS, Porto Alegre, 2003.
- PEREIRA, Mayane Carneiro Alves; SANTOS, Lúcia de Fátima da Silva; MOURA, Thais Norberta Bezerra de; PEREIRA, Layane Carneiro Alves; LANDIM, Maurício Batista Paes. Contribuições da socialização e das políticas públicas para a promoção do envelhecimento saudável: uma revisão de literatura. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 29, n. 1, p. 124-131, 2016.
- QUADROS, Ronice Muller de; LEITE, Tarcísio Arantes. Línguas de sinais do Brasil: reflexões sobre o seu estatuto de risco e a importância da documentação. *In*: STUMPF, M. R.; QUADROS, R. M.; LEITE, T. A. (Org.). **Estudos da Língua Brasileira de Sinais II**. Florianópolis: Insular, 2014. v. 1.
- SILVEIRA, Carolina Hessel. **O currículo de língua de sinais na educação de surdos**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.
- SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- THOMA, Adriana da Silva; KLEIN, Madalena. Experiências educacionais, movimentos e lutas surdas como condições de possibilidade para uma educação de surdos no Brasil. **Cadernos de Educação**, Pelotas, FaE/PPGE/UFPel, p. 107-131, 2010.
- THOMA, Adriana da Silva. A inversão epistemológica da anormalidade surda na pedagogia do cinema. *In*: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini (Org.). **A invenção da surdez**: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. p. 56-69.